

O REFLEXO DA VERDADEIRA ADORAÇÃO



"[36] Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa. [37] Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma 'pecadora', trouxe um frasco de alabastro com perfume, [38] e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com as suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. [39] Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: 'Se este homem fosse profeta, saberia quem nele está tocando e que tipo de mulher ela é: uma 'pecadora' '. [40] Respondeu-lhe

Jesus: 'Simão, tenho algo a lhe dizer'. 'Dize, Mestre', disse ele. (...) [44] ... [Jesus] virou-se para a mulher e disse a Simão: 'Vê esta mulher? Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés; ela, porém, molhou os meus pés com as suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. [45] Você não me saudou com um beijo, mas esta mulher, desde que entrei aqui, não parou de beijar os meus pés. [46] Você não ungiu a minha cabeça com óleo, mas ela derramou perfume nos meus pés. [47] Portanto, eu lhe digo, os muitos pecados dela lhe foram perdoados, pelo que ela amou muito. Mas aquele a quem pouco foi perdoado, pouco ama'. [48] Então Jesus disse a ela: 'Seus pecados estão perdoados'. " (Lucas 7.36-40, 44-48 – Nova Versão Internacional)

Sempre que nos propomos estudar a Bíblia de forma mais consistente e detalhada, o primeiro e mais comum dos erros que muitas vezes cometemos, é o de ler as Sagradas Escrituras tendo em mente apenas uma visão ocidentalizada do texto bíblico. Ignoramos o fato de que a Bíblia foi escrita dentro dos contextos histórico, político e social provenientes do Oriente Médio. A falha em desconsiderarmos o contexto primário de uma passagem bíblica se torna visível principalmente quando tratamos de questões concernentes aos relacionamentos interpessoais ou familiares.

Tomemos como exemplo as cerimônias de casamento realizadas nos tempos bíblicos. Ao contrário do que acontece em nosso país e em muitos outros do Ocidente, na Palestina – principalmente no período do Novo Testamento – a figura central e mais importante de todo enlace matrimonial era o noivo. Era a noiva quem ia ao encontro do noivo e o aguardava no local destinado à cerimônia (cf. Mateus 25.1). Em vez da famosa marcha nupcial tocada no momento mais sublime do cerimonial casamenteiro – a entrada da noiva –, o que se ouvia em Israel eram gritos como: "O noivo chegou! Saí ao encontro dele!" (cf. Mateus 25.6b). O próprio Senhor Jesus afirmou certa vez que não há como os convidados para um casamento ficarem tristes, enquanto o noivo estiver com eles (cf. Mateus 9.15).

Como é do nosso conhecimento, a figura do casamento é frequentemente usada nas Escrituras para representar a relação entre Deus e Seu povo. No Novo Testamento, o apóstolo Paulo apresenta figurativamente o Senhor Jesus Cristo como o noivo e a Igreja, a noiva (cf. Efésios 5.25-27, 32).

Sendo assim, fica claro que o nosso relacionamento com a pessoa do Senhor Jesus deve ser pautado pelo compromisso mútuo e pela intimidade relacional construída dia a dia.

O que somos, é presente de Deus para nós. No que nos tornamos, é presente nosso para Deus. Ao contrário do que muitos cristãos imaginam, ter um encontro transformador com a pessoa do Senhor Jesus não significa ter, na mesma medida, um relacionamento com Ele. O nosso relacionamento com Cristo não acontece por meio do que a ciência evolucionista chama de “geração espontânea”. Relacionamentos precisam ser construídos, lapidados e aperfeiçoados continuamente. Comumente nos depararmos com pessoas realmente tiveram um encontro com Cristo, mas não aproveitaram para, a partir desse encontro, construir um relacionamento com o Salvador. Com isso elas deixam de ser quem são no coração de Deus e passam a usufruir apenas de uma vida cristã apenas superficial.

Na passagem bíblica citada inicialmente, o Senhor Jesus é convidado para jantar na casa de um fariseu (v. 36) – importante líder religioso daquela época – cujo nome era Simão (v. 40). Era provavelmente uma ceia, após o culto na sinagoga. Naquela época as refeições não eram particulares. Não era incomum encontrar pessoas que não tivessem sido convidadas em um banquete, especialmente mendigos, procurando uma doação. Qualquer pessoa podia entrar e observar o jantar desde que ficasse encostada em uma das paredes da casa e permanecesse em silêncio. Os jantares eram servidos em mesas no formato de “U”, com cerca de 30 cm de altura, sobre as quais as pessoas comiam praticamente deitadas, em vez de se sentarem em cadeiras. Era muito comum nessas ocasiões as pessoas falarem com os que estavam à mesa sobre negócios ou as notícias do dia.

Durante o jantar uma conhecida prostituta da cidade apareceu no recinto (v. 37) e, através de vários pequenos gestos (v. 38), deixou o fariseu indignado e constrangido (v. 39). O fariseu também ficou incomodado pela maneira como o Senhor Jesus aceitou a honra prestada de forma tão embaraçosa por alguém tão desagradável. Sua sensação de que Jesus podia ser um profeta estava sendo contrariada pelo fato de Jesus estar aparentemente despreocupado por ser tocado por uma pecadora – e, portanto, “impura”.

Tanto o fariseu como a mulher – chamada simplesmente de “pecadora”¹, conheciam a Jesus apenas por vista ou de ouvirem falar sobre Ele (v. 37). No máximo eles tiveram um rápido encontro com o Messias. A ocasião do jantar foi uma oportunidade que ambos tiveram de construir algum tipo de relacionamento o profeta oriundo da cidade de Nazaré. Assim o fizeram. Porém, a construção de ambos foi bem diferente uma da outra. Enquanto a construção relacional da mulher foi elogiada pelo Senhor Jesus, a do fariseu foi duramente criticada (vv. 44-46). Qual seria o motivo dessa dualidade comportamental de Jesus? A resposta se encontra nas próprias palavras do Messias. Vejamos:

¹ **Pecadora.** Os fariseus usavam a palavra em um sentido muito restritivo e condenatório, para referir-se àquelas que eles consideravam as pessoas mais inferiores (moral e espiritualmente).

Em primeiro lugar, Simão não providenciou pleno conforto ao Senhor Jesus quando o recebeu em sua residência – *“Entrei em sua casa, mas você não me deu água para lavar os pés”* (v. 44). Havia todo um significado no ato de lavar os pés e limpar as sandálias dos visitantes. O calor e a poeira da Palestina, aliados ao fato de que os sapatos ou as sandálias eram meras solas atadas aos pés com correias de couro, faziam da lavagem dos pés ao entrar em uma casa tanto uma cortesia quando uma necessidade. Simão tinha negligenciado uma cortesia habitual, esperada de todos os anfitriões naquela região. Ele não se importou com o bem-estar do visitante. Ele buscou apenas a satisfação pessoal. Assim como muitas vezes não nos importamos com o que Deus gosta e buscamos agradar somente a nós mesmos.

Em segundo lugar, Jesus foi recebido por Simão que demonstrou desprezo pelo seu convidado – *“Você não me saudou com um beijo”* (v. 45). Por tradição, as pessoas beijavam as duas faces do visitante assim que o recebia. Não fazer isso publicamente era sinal explícito de desprezo para com a pessoa convidada. Quantas vezes nós desvalorizamos ou desprezamos a presença de Jesus em nosso meio?

Por último, o fariseu não deixou claro aos presentes naquele jantar que o convidado de honra naquela ocasião era o Senhor Jesus Cristo – *“Você não ungiu a minha cabeça com óleo”* (v. 46). A unção com óleo (perfumado) demonstrava quem era o convidado especial. Que lugar Jesus tem ocupado em nossa vida? Será que a nossa construção relacional com o Senhor Jesus é semelhante a construção feita por Simão? Caso seja, ela não reflete os aspectos da verdadeira adoração.

Observe agora as atitudes da mulher taxada por Simão como “pecadora”. Preste atenção nos detalhes das atitudes dela e na maneira como o Senhor Jesus reagiu a isso:

Em primeiro lugar, ao se aproximar de Jesus a mulher foi envolvida pelo sentimento de amor sincero e transbordante – *“Ela molhou os meus pés com as suas lágrimas”* (v. 44). A intenção inicial da mulher era apenas ungir os pés de Jesus. A atitude era premeditada – por isso ela trouxe o perfume. Porém, ao se aproximar de Cristo, o seu amor por Ele aflorou e a envolveu por completo. Ela estava sob tensão emocional muito grande e não se importou com o que as pessoas pudessem pensar sobre ela. A presença de Jesus transforma a nossa natureza. Quando estamos na presença dEle, os problemas e as dificuldades ao nosso redor deixam de ser notados. É como se fôssemos transportados para um lugar particular com Jesus. Lugar no qual reina a paz no coração.

Outro detalhe importante é que, enquanto estava na presença do Mestre a mulher não se importou com regras, rituais ou tradições humanas – *“Ela enxugou os meus pés com os seus cabelos”* (v. 44). Ao soltar os cabelos em público, a mulher cometeu um ato considerado vergonhoso para os judeus. Mas ela não se importou com isso. Na presença de Jesus ela não tinha nada a esconder. A adoração a Deus não pode ser mecânica, fria, ritualística. A verdadeira adoração precisa brotar do fundo do coração. Por isso a mulher beijou os pés de Jesus (v. 45). Beijar os pés de alguém era sinal

comum de reverência. Muitas vezes não agimos assim e tratamos a obra de Deus como se ela fosse nossa.

Por fim, a mulher ofereceu a Jesus o que tinha de melhor – “*Ela derramou perfume nos meus pés*” (v. 46). O alabastro é um tipo muito fino de gipsita, ou gesso natural, normalmente branco, mas não tão duro quanto o mármore, e desta forma ele pode mais facilmente ser esculpido em forma de recipiente. Normalmente os perfumes eram transportados nesse tipo de “vasos” de alabastro. Mas não era um perfume barato como o óleo perfumado do fariseu. Ela deu o que possuía de melhor. O perfume encheu todo o ambiente e todos perceberam.

O fariseu recebeu Jesus em sua casa e o tratou mal. Como temos tratado o Senhor Jesus em nossa casa, em nossa vida? Qual a qualidade da “construção” do nosso relacionamento com Ele? O que “derramamos” sobre o nosso Senhor e Salvador? Indiferença ou um coração quebrantado, puro e humilde?

É tempo de o Senhor Jesus Cristo ser realmente SENHOR da nossa vida, do nosso presente e futuro, da nossa história.

Soli Deo Gloria.